



MADELINE FINN E BONNIE

Lisa Papp

Resenha

Madeline não gosta de ler. Nem livros, nem revistas, nem placas, nada. Ler em voz alta na classe é pior ainda. Às vezes, as palavras se emaranham em sua boca como manteiga de amendoim e seus colegas começam a rir. Ela nunca conseguiu ganhar o adesivo de estrela reservado àqueles que sabem ler bem – só o que consegue é um humilhante adesivo de coração que diz “continue tentando”.

Certo dia, sua mãe decide levá-la até a biblioteca pública, onde a bibliotecária propõe algo inusitado: ler para um cachorro – Bonnie, uma enorme cachorra branca. Encantada com aquele belo animal que parecia um urso polar, Madeline decide tentar. De início, fica nervosa e as letras se embaralham como sempre. Aos poucos, porém, vai se acalmando e percebe que Bonnie não dá a menor importância quando ela erra. Tem toda a paciência do mundo – segue olhando para a menina com olhos fundos, deixa que lhe faça carinho. E, assim, Madeline e Bonnie começam a ler juntas todos os sábados. Quando chega a aula em que Madeline precisa ler para a classe, ela respira fundo, pensa em Bonnie e, apesar de tropeçar numa ou noutra palavra, consegue chegar até o final da página: finalmente, ganha seu primeiro adesivo de estrela.

Nessa singela e delicada narrativa escrita em primeira pessoa, acompanhamos os pequenos tormentos da jornada de uma menina que está aprendendo a ler. Deparar-se com a própria dificuldade diante do riso e do julgamento dos colegas faz com que Madeline, a princípio, veja o ato de leitura como algo desagradável, tenso, antipático, fora do seu alcance. A experiência de ler para um animal, porém, que a escuta com entrega, calma, sem dar importância a seus erros, faz com que o ato de ler ganhe outras dimensões, associando-se ao aconchego e ao afeto. A vulnerabilidade compartilhada com Bonnie faz com que Madeline vá ganhando confiança, tornando-se até mesmo capaz de enfrentar uma situação de exposição em plena sala de aula, ao final da história.



Coordenação:
Maria José Nóbrega



Assim que li a primeira frase do livro para conhecê-lo, antes de apresentar a história de Madeline Finn à Luísa, minha filha de oito anos, resolvi que seria melhor fazermos aquela descoberta juntos. Estava certo de que, ao ler a primeira frase do livro, aquela que traz a personagem principal dizendo “Eu NÃO GOSTO de ler”, ainda mais escrita desse modo, em maiúsculas, isso provocaria uma surpresa na jovem leitora que tenho em casa. Porque, ao contrário de Madeline, Luísa adora ler. E, como leitora, encontra-se naquele momento difícil de transição de textos mais curtos para outros mais elaborados; de livros inteiramente escritos em caixa-alta para aqueles “com a letra A diferente”, como ela diz, ou seja, as narrativas escritas em maiúsculas e minúsculas, que, vale lembrar, representam um salto e tanto para as crianças que começam a ganhar autonomia como leitores.

Aconchegados na cama do seu quarto, com a nossa gata Cacau enrodilhada aos nossos pés (eu ainda não sabia que os animais teriam um papel nessa narrativa!), fiz a primeira leitura de *Madeline Finn e Bonnie* sem qualquer interrupção. Luísa apenas comentava um ou outro detalhe da ilustração, um aspecto que sempre chama sua atenção em qualquer livro.

Ao cabo da leitura, seu primeiro comentário foi este: “Ela é tipo eu, às vezes se embola numa palavra”. Em seguida, emendou com uma preocupação sua, que provavelmente havia brotado da leitura que acabávamos de fazer: na semana seguinte ela precisaria contar para a classe, na frente de todos, o que achou do livro escolhido para levar pra casa no fim de semana. Quase todos já haviam feito esse comentário oral de um livro lido, faltando apenas três alunos. Ela disse ainda que, como Madeline, também não gosta de ler em voz alta nem de falar na frente de todos.

De repente, como se tivesse sido iluminada por uma grande ideia, Luísa tirou nossa gata de seu

conforto aos pés da cama, colocou-a no colo e disse: “Cacau, agora vou ler uma história pra você!”. Em seguida, replicando instintivamente a história vivida por Madeline, que, como ela, também é uma aluna atenta e dedicada, que persegue suas estrelinhas (mesmo que na escola onde estuda as “premiações” sejam diferentes), passou a ler, com alguma dificuldade, a história para nossa gata. Que, como Bonnie, parecia não ligar a mínima para os tropeços que, vez por outra, Luísa cometia na leitura.

Um desses enguiços no fluxo da leitura, por sinal, provocaria boas risadas. Foi quando ela lia este trecho: “No meio do caminho empaco...” “Hmm, o que é *empaco*, pai?”

“Empacar é parar de fazer alguma coisa. Aliás, é o que acaba de acontecer com você agora, que empacou na sua leitura!”, respondi.

“Que engraçado! Eu empaquei no *empaco*!”, Luísa concluiu. E rimos daquela inesperada piada proporcionada pela língua portuguesa, cujas sutilezas ela parece começar a manejar com gosto.

Empacando aqui ou ali, ela chegou ao fim da história, recebendo de Cacau apenas um bocejo preguiçoso como resposta. Luísa também comentou que, no dia em que estivesse na frente da sua turma contando uma história que leu no fim de semana, iria se lembrar de Madeline Finn e tentaria se imaginar contando o livro para a Cacau.

Seu plano parecia perfeito. Só havia um problema: por conta de uma viagem no fim de semana, Luísa havia saído na sexta-feira mais cedo da escola, e não teve tempo de pegar na biblioteca o livro que deveria contar aos colegas na terça-feira seguinte.

“Então, por que você não conta pra turma a própria história de *Madeline Finn e Bonnie*?”, sugeri, me comprometendo a apresentar a ideia à sua professora, que, como imaginava, aprovou aquele relato de um livro que ainda nem existia no papel. E foi assim que Madeline Finn, que teve a ajuda de Bonnie para superar seu medo de ler em voz alta, ajudou Luísa a superar o próprio medo de falar em público sobre suas leituras, com a ajuda de uma Bonnie chamada Cacau.



Saiba mais sobre ela em: <www.lisapapp.com>.



Um pouco sobre a autora

Lisa Papp cresceu contando histórias. Seus primeiros contos, registrados num caderno cheio de desenhos, tinham como personagens principais seu gato, animais de pelúcia e outras figuras associadas à natureza.

Atualmente, Lisa continua inventando histórias e desenhando, mas elas aparecem nas páginas de livros para crianças. Quando não está em seu estúdio, ela pode ser encontrada no jardim, conversando com passarinhos, encantando-se com as abelhas e sonhando com a próxima aventura literária.

Lisa vive no condado de Bucks, na Pensilvânia, EUA, com o marido, Robert, que também é artista. Eles têm três gatos muito criativos – que de vez em quando deixam Lisa ler para eles.



Leia Mais

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Matilda*, de Roald Dahl – São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *Atrás da porta*, de Ruth Rocha – São Paulo: Salamandra.
- ✦ *O menino que aprendeu a ver*, de Ruth Rocha – São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Os bichos que eu tive*, de Sylvia Orthof – São Paulo: Salamandra.



SALAMANDRA